

# ANTONIO CANDIDO E “A CULPA DOS REIS”

MARIA SÍLVIA BETTI

Universidade de São Paulo

## Resumo

Este artigo discute os procedimentos empregados por Antonio Candido na análise da representação literária do mando e da transgressão na tragédia histórica *Ricardo II*, de William Shakespeare, sob o ponto de vista do funcionamento expressivo de suas imagens.

## Abstract

*This article discusses the analytical procedures employed by Antonio Candido in the analysis of the literary representation of order and transgression in William Shakespeare's historical tragedy Richard II, from the point of view of the expressive functioning of its imagery.*

## Palavras-chave

Crítica literária;  
Shakespeare;  
Imagens

## Keywords

Literary  
criticism;  
Shakespeare;  
Imagery

“**A** culpa dos reis: mando e transgressão no *Ricardo II*”, texto de palestra proferida por Antonio Candido em 1991, proporciona, para quem o lê com o intuito de estudar a obra crítica do autor, uma pequena síntese da estrutura constitutiva de muitos de seus trabalhos ensaísticos de análise literária. O ponto de partida é a apreensão de uma premissa mais ampla de estruturação do texto analisado, de modo a introduzir o objetivo central. Os parâmetros da análise, fixados fora do terreno especulativo da teoria, são extraídos da própria materialidade textual da peça, e a historicidade desta é estabelecida a começar por sua inserção no conjunto dos oito dramas históricos de Shakespeare sobre a Inglaterra.

A transparência da expressão e o tom direto do ensaio, desde o início, reconstroem os leitores não iniciados e instigam os teóricos e críticos diante da empreitada proposta, que é a de investigar e discutir como se dá, no plano literário de *A tragédia de Ricardo II*, de William Shakespeare, a representação figurada de um elemento histórico: a transgressão da ordem política estabelecida.

Candido parte do resumo dos acontecimentos que compõem a ação trágica da peça e da exposição de seu argumento central, associado à ideia de transgressão: ninguém passa incólume pelo exercício do mando, que pressupõe o mando de um lado e a obediência do outro. O ato da transgressão, observa, desintegra a relação aceita entre mandar e obedecer, base da estrutura social. A tragédia escolhida empreende, precisamente, a representação dramática do momento político em que, na Inglaterra do século XIV sob Ricardo II, mando e obediência entram em conflito, culminando com o regicídio praticado por Henrique Bolingbroke, e com a ascensão deste ao trono.

A escolha do foco da análise é apresentada com objetividade a partir do material detectado na ação trágica: diante de “*uma realeza de teatro*”, como diz Candido, é fundamental examinar as imagens, que constituem o material simbólico de representação tanto dos interesses políticos em conflito como da expressão do personagem principal.

A estrutura de pensamento a ser revelada na abordagem é apresentada ao leitor sob a forma de uma súmula prévia, anterior à própria dissecação do texto em foco: a legitimidade tradicional atribuída ao direito dos reis não é intrinsecamente eficiente e não supre a necessidade da eficiência quando esta não se apresenta. A eficiência de quem questiona e abala esta legitimidade, por outro lado, pode vir a suprir a ausência dela e estabelecer princípios para que uma nova legitimidade se estruture em outras bases. Esse fulcro central da peça desvelado pela análise é antecipado para o leitor logo após a síntese das ações principais, servindo assim como fio da meada para as etapas analíticas que virão a seguir no ensaio.

A análise propriamente dita segue o mesmo padrão, no qual uma estrutura constitutiva mais ampla é apontada em suas linhas gerais para ser dissecada e problematizada a seguir: a estrutura do poder figurado condiciona a ação dramática e o sistema simbólico da tragédia. Afinidades são apontadas entre a natureza do material representado e o sistema simbólico que efetiva sua representação, e é delas que Antonio Candido se ocupa ao adentrar a seara da análise propriamente dita.

A peça é examinada à luz de sua integridade estrutural e figurativa, e esta se manifesta por meio de três tipos de imagens que predominam, respectivamente, nas três partes em que se estrutura a ação: na parte inicial, as ligadas ao sangue e associadas ao direito divino dos reis, transmitido pela genealogia e pela descendência; no meio da peça, as ligadas à ideia de unção, entendida como legitimação divina do poder real, associada simbolicamente a seivas vegetais e a elementos cósmicos; finalmente, na parte final, as que expressam a dissociação entre a função política do mando e a pessoa que o exerce.

Através desse arcabouço analítico Antonio Candido procura flagrar, na tessitura literária da peça, o processo formal estruturante e os elementos figurativos agregados. Sangue e seiva são os elementos simbólicos que ele destaca na rede de imagens examinada: como a seiva no mundo vegetal, o sangue é o fluido de vida da árvore genealógica e do poder real. A análise ressalta, de forma minuciosa, a importância da inter-relação entre a esfera política representada e o sistema simbólico empregado na peça para sua representação:

Nesta peça o vegetal fornece matéria prima para o sistema simbólico, mas não de maneira estática, e sim como elemento de uma organização marcada pela comunicabilidade que liga os diversos planos figurativos até formar com eles um conjunto solidário.

Por isso, a fim de penetrar criticamente no sistema simbólico de Ricardo II, a melhor porta é a do fluido, que participa ao mesmo tempo do mundo da planta e do mundo do homem, sendo seiva no primeiro, sangue no segundo, e estabelecendo entre ambos uma reciprocidade que permite ler um em função do outro.<sup>1</sup>

O trabalho analítico realizado extrai da própria materialidade literária do texto os elementos para o estudo de seu funcionamento compositivo e imagético,

<sup>1</sup> Antonio Candido. "A culpa dos reis: mando e transgressão no *Ricardo II*". In: Aduato Novaes (org.). *Ética*. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura/Companhia das Letras. 3a. reimpressão, p. 90-91.

instaurando uma relação dialética entre processos formais, elementos figurativos e mundo representado.

As imagens analisadas não são tratadas como figurações simbólicas de um mundo extraliterário, e os elementos históricos não são abordados como meros deflagradores de um debate filosófico sobre o mando e a transgressão. A análise de Candido preserva, na dissecação da peça, o caráter orgânico e dinâmico que liga esses elementos na tessitura dramatúrgica de que ela se constitui, expondo-os numa relação de mútua e vital inseparabilidade:

Do mesmo modo que, segundo a crença medieval, a hóstia podia sangrar (como no Milagre de Bolsena, pintado por Rafael nas *logge* do Vaticano) porque continha realmente o sangue de Cristo, os galhos metafóricos da árvore real sangram, porque neles circula a seiva-sangue do antepassado comum. Tanto assim que, quando a Lâmina assassina corta figuradamente o galho-Gloster, este sangra, como se infere na metonímia “foice rubra do assassino” (isto é, a lâmina é ensangüentada pela seiva-sangue do galho-Gloster).

A razão de ser das metáforas “vaso” e “galho”, ordenadas em torno de “sangue” e “árvore”, é política, neste contexto, porque se baseia na idéia de transmissão hereditária, simbolizada na árvore genealógica, legitimadora das qualidades que sancionam a autoridade, requerem a obediência e criam direitos. Note-se a reciprocidade das duas metáforas, que figuram e reforçam o direito hereditário.<sup>2</sup>

Essa dinâmica que inter-relaciona as imagens e o material nelas figurado liga-se, porém, a outra importante faceta no ensaio de Candido: tanto a composição literária da peça como o ato de sua análise deixam transparecer uma historicidade constitutiva de base, ressaltando, de diferentes formas e por diferentes meios, o fato de ambas (peça e análise), serem tratadas por Candido como desencadeadoras potenciais de conhecimento. Esse atributo não resulta do fato de a historicidade proporcionar simplesmente o aporte de material figurável à esfera literária da criação: resulta, antes, do caráter dialético da relação de inter dependência entre a construção das imagens e o plano que elas representam simbolicamente:

Admitida a comunicabilidade dos fluidos, entende-se melhor a afinidade metafórica entre sociedade e natureza, entre as normas e o movimento da vida. E, para deixar isto claro, pensemos com mais atenção no fluido por excelência desta peça: o sangue, que tem a característica de significar muitas coisas figuradamente.

Caso concreto de sua importância como elemento que forma uma unidade capaz de exprimir a realidade política focalizada por Shakespeare é a cena 2 do 1º. Ato, na qual a duquesa viúva de Gloster procura incitar o cunhado João de Gand a vingar o respectivamente marido e irmão, assassinado por ordem do rei.<sup>3</sup>

O poder real representado na peça é considerado atributo divino, e a gravidade de sua desestruturação é em grande medida estranha ao mundo contemporâneo em que se desenvolve a análise. Os elementos da ação trágica só se efetivam

<sup>2</sup> Antonio Candido. *Op. cit.* pp. 91-92.

<sup>3</sup> *Idem, ibidem*, p. 91.

plenamente se o impacto que resulta dessa desestruturação for devidamente ativado no ato da leitura, por meio de uma apreensão eficaz do sistema imagético. Isso é, precisamente, o que Candido trata de assegurar na análise propriamente dita.

Os pressupostos históricos por ele evocados são respectivamente o *princípio* que legitima o mando (o direito divino e inato dos reis e sua transmissão pelo sangue) a *função* que o encarna (a realeza, de caráter religioso transmitido pela unção no ato da investidura) e a *pessoa* que o exerce (Ricardo Plantageneta, tão intelectualmente brilhante como homem quanto politicamente incompetente como rei).

A historicidade estabelecida para discuti-los, no ensaio, não subjugua a análise do objeto ao comentário de aspectos que lhe são exteriores: pelo contrário, permite que sejam flagrados, em seu tecido compositivo, elementos que integram de forma indissociável os sentidos simbólicos que participam ativamente de seu processo de significação:

Vemos então que por baixo do sistema simbólico dos fluidos, por baixo da união mágica entre o rei e a terra, está efetivamente a realidade da posse desta terra por meio da ação legitimadora da realeza. O sangue é importante, em boa parte, porque define essas relações de apropriação. Seria, pois, o caso de dizer que no mundo feudal sangue é dinheiro, como mais tarde, no mundo da burguesia triunfante, o tempo será dinheiro, segundo a fórmula famosa e expressiva “Time is Money”. O feudal não leva o tempo em conta, porque teoricamente o seu dinheiro sobre o bem econômico básico, a terra, provém de uma norma intemporal e depende do ritmo perene das estações. Mas o burguês se faz, num tempo relativamente curto, o da sua vida individual útil, que por isso mesmo precisa ser aproveitado num ritmo acelerado de acumulação e produção racional.<sup>4</sup>

Para a análise do sistema de imagens da peça Candido lança mão de uma série de referências ao mesmo tempo marcantes e peculiares, tomadas ao campo dos estudos shakespearianos: a escolha do material imagético como foco de análise de “Ricardo II” apoia-se em “*The development of Shakespeare’s imagery*”, de Wolfgang Clemen, de 1951, citado no final do primeiro segmento do ensaio. A ideia ressaltada na passagem citada, de que as imagens se tornam a maneira característica de expressão da personagem principal, dá margem a que se depreenda nas entrelinhas o papel relevante das imagens também para a caracterização cênica da ação trágica em pauta:

Em Ricardo II encontramos muitas cenas nas quais as imagens têm esta função de ampliar e aprofundar aquilo que se passa no palco.<sup>5</sup>

Outra obra de referência utilizada na análise de Candido é *Shakespeare’s imagery and what it tells us*, de 1935, escrito por Caroline Spurgeon, uma das precursoras das abordagens psicanalíticas das peças de Shakespeare. Candido remete especificamente ao capítulo XII do livro (“*Leading Motives in the Histories*”), que fornece sub-

<sup>4</sup> *Idem, ibidem*, p. 95.

<sup>5</sup> *In Richard II we find many scenes in which imagery has this function of enhancing and deepening the symbolic meaning of what occurs on the stage.* Clemen, W.H. *The development of Shakespeare’s imagery*. London, Methuen, 1951. 54, Questia, 24 jan. 2009. Disponível em: <<http://www.questia.com/PM.qst?a=o&d=24323435>>.

sídios tanto para a análise da função das imagens nas tragédias históricas como para a recorrência verificada nelas de imagens ligadas ao mundo vegetal e ao cultivo.<sup>6</sup>

Candido refere-se, também, a um estudo publicado pelo norte-americano Maynard Mack Jr. em 1973, e ao clássico trabalho do polonês Jan Kott, “*Shakespeare, notre contemporain*”, em tradução francesa datada de 1966. Maynard Mack Jr. alinha-se com a tradição crítica norte-americana tributária do *close reading*, originário da *Scrutiny*, de FR. Leavis.<sup>7</sup> Já Jan Kott, que marcou o tom de grande parte dos estudos shakespereanos na segunda metade da década de 1960, desenvolve a ideia de que o problema central, no que se refere às tragédias históricas, não se liga à questão da legitimidade. Para Kott não há reis bons ou ruins, mas pura e simplesmente reis que exercem seu papel dentro de um processo histórico que funciona como implacável “rolo compressor”, diante do qual o que importa é o estágio da história em que cada rei se encontra.

Entre os estudiosos shakespereanos citados por Candido, a referência central remete a E.M.W. Tillyard, que tratou tanto do mundo elizabetano em geral como das peças históricas em particular, tendo escrito o livro citado no ensaio, “*Shakespeare’s History Plays*”, em 1944.

Faça-se aqui um parêntese para que sejam registradas algumas observações complementares relativas aos estudos shakespereanos e teóricos no momento em que Candido escreve o ensaio em foco, ou seja, no início dos anos 1990.

No campo da teoria literária a década de 1980 registra a ascensão dos estudos culturais, trazendo, na área dos estudos shakespereanos, uma grande ênfase sobre o fato de existirem formas diferentes e até antagônicas de se analisar e discutir a obra de Shakespeare. Muitas vezes, ao longo desse período, as abordagens adquirem um tom defensivo ou aguerrido, dependendo do campo de debate e da facção de abordagem aos quais se filiam.

No que diz respeito às teorias do teatro, esse mesmo período coloca em questão a própria pertinência do texto teatral, e leva muitos a se perguntarem se o *corpus* da produção shakespereana pode, efetivamente, constituir-se num conjunto coeso e fixo de referências.

A ideia de um Shakespeare “autêntico” desaparece, e inúmeras perspectivas de base sociológica passam a colocar em pauta aspectos alternativos, pós-coloniais, pós-modernos, minoritários, feministas, e uma miríade de outros.

Conceitos como os de universalidade, genialidade individual e centralidade do legado cultural shakespereano dentro do cânon da cultura ocidental passam a ser, nesse contexto, submetidos a severas críticas. A ideia de um Shakespeare magistral, incólume à necessidade de correções e reelaborações de seus originais também é posta à prova, à luz de estudos que evidenciam, por exemplo, a realização de revisões minuciosas em peças como *Rei Lear* para espetáculos em diferentes ocasiões.

Ainda que cronologicamente pertencente a essa era de entrincheiramento teórico e mercadológico da produção acadêmica, o ensaio de Antonio Candido passa vigoroso-

<sup>6</sup> Caroline F.E. Spurgeon *Shakespeare’s imagery and what it tells us*. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1935. 216, Questia, 24 jan. 2009. Disponível em: <<http://www.questia.com/PM.qst?a=o&id=98237844>>.

<sup>7</sup> R.S. White “Shakespeare’s criticism in the twentieth century”. In: Margreta Grazia; Stanley Wells. (eds.). *The Cambridge Companion to Shakespeare*. Cambridge University Press, 2001, p. 283.

samente ao largo das querelas teóricas que territorializam o campo institucional dos estudos shakespereanos e literários à sua volta, centrando seu foco sobre o material constitutivo da peça, ou seja, o texto, e dentro dele o exame específico das imagens.

O estudo de Tillyard sobre as peças históricas de Shakespeare, uma de suas referências principais, é, no final dos anos 1980, um dos alvos de críticas de pesquisadores como John Drakakis (editor da antologia *Alternative Shakespeares*, de 1988), Jonathan Dollimore e Alan Sinfield (este último de formação materialista).<sup>8</sup>

Algumas das principais objeções feitas por Dollimore e Sinfield a Tillyard questionam o que esses críticos consideram uma visão teleológica e unificadora da história, associada à concepção da ordem como princípio determinante.<sup>9</sup> A análise de *Ricardo II* por Antonio Candido caracteriza-se precisamente por uma perspectiva contrária a essa, ou seja, por desvelar no interior da tragédia em foco o caráter dinâmico do processo histórico representado, relativizando tanto os princípios que invocam e fundamentam a legitimidade como os atos de transgressão que a desestruturam.

Todo o segmento final do ensaio concentra-se na detecção de imagens que flagram a transformação do rei em indivíduo, e que acompanham a desarticulação da estrutura de poder que culmina na separação definitiva entre o Ricardo homem e o monarca. Candido explora minuciosamente a riqueza de imagens que acompanham este processo de desfecho trágico:

A partir daqui há uma retração do sangue, e o exercício da força funcionará como transferência de sua virtude legitimadora a outro galho da árvore real, Henrique Bolingbroke. Daí um deslocamento do sistema figurativo. Como o rei deixa de identificar-se à natureza e se reduz à condição de indivíduo, as imagens cósmicas e vegetais cedem primazia ao mundo humilde dos artefatos, destacando-se primeiro, na cena da abdicação, única do 4º. Ato, os dois baldes a que Ricardo compra os movimentos contrastantes dele e do primo [...].<sup>10</sup>

Candido reveste de grande sutileza analítica as considerações sobre a ascensão de Bolingbroke ao poder: a nova ordem, nele personificada e legitimada por sua eficácia em derrubar Ricardo, mostra-se corrompida, ao final, por seu desejo de vê-lo morto, e por sua indução do assassinato do monarca. Longe de atribuir qualquer traço de eventual legitimidade à ascensão desta nova ordem, Candido ressalta o quanto a ironia e a dubiedade crescente das falas de Ricardo plantam, ao longo da peça, as sementes da dúvida sobre realidade e aparência e, ao final, sobre o significado real de mandar e obedecer.

A análise frisa, por fim, o quanto os próprios fatos submetem o poder ascensional de Bolingbroke a um processo de reversão de valores tão logo ele conclui sua própria tomada do poder real:

<sup>8</sup> Jonathan Dollimore; Alan Sinfield. "10 History and Ideology". In: John Drakakis (ed.). *Alternative Shakespeares*. 2nd ed. London, Routledge, 2002. 210, 211, 212, Questia, 23 jan. 2009. Disponível em: <<http://www.questia.com/PM.qst?a=o&d=107721834>>.

<sup>9</sup> Jonathan Dollimore; Sinfield, Alan. "10 History and Ideology". In: John Drakakis (ed.). *Alternative Shakespeares*. 2nd ed. London, Routledge, 2002. loc. cit. Questia, 23 jan. 2009. Disponível em: <<http://www.questia.com/PM.qst?a=o&d=107721834>>.

<sup>10</sup> Antonio Candido. *Op. cit.*, p. 97.

A partir da cena 2 do 3º ato Ricardo passara a falar e atuar com certa ironia, isto é, de um modo favorável à ambigüidade, que lhe permite relativizar a grandeza do mando e, ao mesmo tempo, a degradação da queda. Graças à ironia, pode quebrar o significado aparente, conferindo dubiedade a tudo o que diz e faz, a ponto de ficar uma dúvida: estamos diante da verdade ou de uma farsa? [...]

Além da ironia pessoal há a ironia dos fatos, que envolve tudo, faz o poder virar submissão transforma o fraco em forte e o forte em fraco, mostra como o trono pode ser caminho para o túmulo e zomba das grandezas [...].<sup>11</sup>

A ideia da culpa, associada desde o título do ensaio ao exercício do mando e da transgressão, ecoa, em seu final, colocando em foco o desfecho trágico consumado. Se há tragédia, esta é deflagrada pelo processo de arbítrio monárquico e de disputa do poder, e não por fatalidade do destino ou por sua inexorabilidade. No interior das transformações que levam da legitimidade do poder de Ricardo à legitimação da tomada do poder por Boligbroke, é a presença do processo histórico que se faz presente. O poder disputado, presente em todas as sequências imagéticas analisadas por Candido, mostra-se, como ele bem ressalta em sua análise, transitório e relativo, despido de perenidade e, em seu limite, associado de alguma forma à destruição e à morte.

Em se tratando de processo histórico, e à guisa de conclusão deste artigo, não se pode deixar de lembrar aqui que o texto do ensaio de Candido e a publicação das palestras do ciclo de debates em que foi apresentado datam precisamente de 1991, ano em que o país mergulhou numa das mais sérias crises de legitimidade já atravessadas até então, decorrente das evidências de corrupção e desmando por parte dos mais altos escalões do executivo e do próprio presidente, ironicamente o primeiro eleito por voto popular direto após vinte e cinco anos de regime militar e período de transição.

Torna-se, à luz desse contexto, ainda mais significativa a escolha de Candido em tratar de *Ricardo II* e em analisar a representação simbólica da culpa dos reis da tragédia de Shakespeare.

<sup>11</sup> Antonio Candido. *Op. cit.*, p. 98-99.

### Bibliografia

Antonio Candido. “A culpa dos reis: mando e transgressão no Ricardo II”. *Ética*. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura/Companhia das Letras, 3a. reimpressão.

W. H. Clemen *The development of Shakespeare’s imagery*. London: Methuen; 1951. Questia, 24 jan. 2009. Disponível em: <<http://www.questia.com/PM.qst?a=o&rd=24323435>>.

Jonathan Dollimore; Alan Sinfield. “10 History and Ideology”. In: John Drakakis (ed.). *Alternative Shakespeares*. 2nd ed. London, Routledge, 2002. Questia, 23 jan. 2009. Disponível em: <<http://www.questia.com/PM.qst?a=o&rd=107721834>>.

Caroline FE Spurgeon. *Shakespeare’s imagery and what it tells us*. Cambridge, England, Cambridge University Press, 1935. Questia, 24 jan. 2009. Disponível em: <<http://www.questia.com/PM.qst?a=o&rd=98237844>>.

R.S. WHITE “Shakespeare’s criticism in the twentieth century”. In: Margreta Grazia; Stanley Margreta. (ed.) *The Cambridge Companion to Shakespeare*. Cambridge University Press, 2001.